

## **AVALIAÇÃO MACROSCÓPICAS DE ESPINHEIRA-SANTA (*MAYTENUS ILICIFOLIA*) COMERCIALIZADA EM PELOTAS**

**ALINE SILVEIRA CARDOSO OLIVEIRA<sup>1</sup>; MÁRCIA VAZ RIBEIRO<sup>2</sup>; CAMILA ALMEIDA<sup>3</sup>, ROSA LÍA BARBIERI<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>Univeirsidade Federal de Pelotas1 – [alinesilveiracardoso@yahoo.com.br](mailto:alinesilveiracardoso@yahoo.com.br) 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [marciavribeiro@hotmail.com](mailto:marciavribeiro@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [almeidakk@yahoo.com.br](mailto:almeidakk@yahoo.com.br)

<sup>4</sup>Embrapa Clima Tempo– [lia.barbieri@embrapa.com](mailto:lia.barbieri@embrapa.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

As plantas medicinais tem sido utilizadas em larga escala pela população brasileira para seus cuidados com a saúde, isso acontece pois há uma transmissão oral dos conhecimentos tradicionais propalado entre gerações. (BRASIL, 2012).

Para LORENZI; MATOS (2008) o uso das plantas medicinais para fins terapêuticos pela população em geral, requer material selecionado para sua eficácia e segurança terapêutica. De acordo com BRASIL (2012) avalia-se que pelo menos 25% de todos os medicamentos modernos são originados diretamente ou indiretamente de plantas medicinais.

A qualidade da droga vegetal não se verifica apenas por meio da análise do produto acabado, mas de uma série de fatores que colabora para a segurança do seu uso como sua identificação, cultivo, colheita, beneficiamento, armazenamento até a forma farmacêutica final (SILVA et al., 2012).

A espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia*) é uma planta nativa do S.ul do Brasil, Uruguai, Paraguai e Norte da Argentina (NASCIMENTO et al., 2005). Seu nome ficou conhecido por suas folhas apresentarem bordas com espinhos e propriedades medicinais (MAGALHÃES, 2002). Além de espinheira-santa, existem outros nomes populares como cancorosa, cancerosa, salva-vidas, espinho-de-deus, cancorosa-de-sete-espinhos e erva-santa. É utilizada no tratamento de gastrites, úlceras gástricas e duodenais, afecções renais e hepáticas, além de ser um laxante leve (LORENZI E MATOS, 2008). Foi estudada comparativamente a dois produtos da indústria farmacêutica com comprovada ação sobre úlceras e gastrites: Ranitidina e Cimetidina, tendo se mostrado tão eficiente quanto o medicamento alopático mais utilizado (GOMES et al., 2008).

A avaliação macroscópica da planta é utilizada para facilitar a identificação das alterações das folhas. Está baseada na observação da forma; tamanho; cor; superfície; textura; fratura e aparência da superfície de fratura. (BRASIL, 2010a).

As práticas alternativas em saúde devem ser utilizadas e indicadas com segurança, assegurando o bom uso. Para isso, deve-se intensificar as pesquisas sobre a qualidade dos produtos comercializados garantindo que esses produtos cheguem ao consumidor em boas condições para o consumo, sem que outros fatores possam interferir na eficácia dos tratamentos em saúde, incluindo, ainda, aspectos que garantam segurança nos processos de armazenamento e consumo desta planta.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi realizar uma avaliação macroscópica das folhas de espinheira-santa comercializada no mercado formal em Pelotas.

### **2. METODOLOGIA**

Foram coletas e analisadas 11 amostras de plantas medicinais vendidas como droga vegetal popularmente comercializada como "espinheira-santa" e "cancorosa", e uma amostra padrão coletada no IFSUL, campus CAVG Pelotas.

Para a análise das características macroscópicas, parte aérea da planta, foi necessário o auxílio de uma lente de aumento. De acordo com Brasil (2010a), o material vegetal deve ser comparado com matéria-prima autêntica, oriunda de amostra perfeitamente identificada na Farmacopeia. Ainda segundo o mesmo autor, a identificação macroscópica da droga vegetal, quando inteiras, é baseada na forma; tamanho; cor; superfície; textura; fratura e aparência da superfície de fratura.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na avaliação macroscópica das 11 amostras comerciais avaliadas apenas uma não estava morfologicamente idêntica à amostra padrão. Foram encontrados também folhas secas quebradas dificultando a identificação das plantas. Este fato pode ter ocorrido pela falta do cuidado no armazenamento e transporte, podendo conter folhas diferentes da espécie em estudo, as quais, muitas vezes, não apresentam o efeito farmacológico desejado.

A amostra 9 (figura 1) foi reprovada na análise macroscópica por não apresentar padrão morfológico descrito em BRASIL (2010b), foi identificada como *Sorocea bonplandii*.



Figura 1 – Folha Amostra 9 (A9) com algumas impurezas.



Figura 2 - Folha amostra padrão (AP).

Para Jesus & Cunha (2012), usualmente os marcadores morfológicos auxiliam na taxonomia das espécies; porém, algumas são visualmente parecidas, podendo possivelmente ocorrer enganos na sua identificação. Os mesmos autores relatam que *M. ilicifolia* é morfologicamente parecida com as espécies *Sorocea bonplandii* e *Zollernia ilicifolia*, podendo ser confundida ou trocada intencionalmente. Assim, as espécies adulteradas podem trazer prejuízos, pois seus efeitos farmacológicos e segurança terapêutica ainda não foram confirmados.

### 4. CONCLUSÕES

Após a análise realizada em drogas vegetais comercializadas na cidade de Pelotas concluiu-se que as falsificações e má qualidade ainda é fato preocupante, pois descredibiliza o consumo inibindo o uso pelos usuários, pois as plantas podem não corresponder aos efeitos e tratamento de saúde desejado. O resultado obtido demonstra a importância de um maior rigor no controle de qualidade das amostras de *Maytenus ilicifolia* vendidas à população.

## 5. AGRADECIMENTO

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância sanitária. **Farmacopéia Brasileira**. v. 1, 5.ed., Brasília, 2010a.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância sanitária. **Farmacopéia Brasileira**. v. 2, 5.ed., v.1, Brasília, 2010b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

JESUS, W.M.M.; CUNHA, T.N. Estudo das propriedades farmacológicas da espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reissek) e de duas espécies adulterantes. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, Curitiba, v.1, n.1, p.20-46, 2012.

GOMES, M.F.; SILVA, V.T.B.; LAVERTE, A.; TAKEMURA, O.S. Avaliação da atividade antioxidante de extratos das folhas de *Bixa orellana* (Bixaceae) e *Maytenus ilicifolia* (Celastraceae). **Arq. Ciência Saúde Unipar**, Umuarama, v.12, n.3, p.169-173, 2008.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

MAGALHÃES, P.M. **Agrotecnologia para o cultivo da Espinheira Santa**. 2002. Disponível em: <http://www.cpqba.unicamp.br/plmed/artigos/agroespsant.htm>. Acesso em: 18 nov. 2015.

NASCIMENTO, V. T.; LACERDA, E.U.; MELO, J.G.; LIMA, C.S.A.; AMORIM, E. L.C.; ALBUQUERQUE, U. P. Controle de qualidade de produtos à base de plantas medicinais comercializados na cidade do Recife-PE: erva-doce (*Pimpinella anisum* L.), quebra-pedra (*Phyllanthus* spp.), espinheira santa

(*Maytenus ilicifolia* Mart.) e camomila (*Matricaria recutita* L.). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v.7, n.3, p.56-64, 2005.

SILVA, A.J.; COSTA, R.S.; MARIANO, A.S.; SILVA, K.L.S.; JORDÃO, C.O. Análise farmacognóstica de amostras de espinheira santa - *Maytenus ilicifolia* (Schrad.) Planch. (Celastraceae) comercializadas em farmácias e banca popular de Votuporanga – São Paulo. **Revista Brasileira de Farmácia**. Rio de Janeiro, v.93, n.4, p.457-462, 2012.